

Cultura

Um ano para respirar Mário Cesariny entre Famalicão, Lisboa e o mundo

Sérgio C. Andrade

Fundação Cupertino de Miranda será o centro das comemorações do centenário, que se assinala a 9 de Agosto

Há já muito Mário Cesariny (1923-2006) para ler e ver na Fundação Cupertino de Miranda, mas será a partir dos primeiros dias de Agosto que a instituição de Vila Nova de Famalicão, proprietária de grande parte da obra e dos arquivos pessoais do poeta e pintor surrealista, vai celebrar com maior ênfase o centenário do nascimento deste nome maior da cultura do século XX português.

Por estes dias, quem entrar na fundação será recebido, na livraria-biblioteca do rés-do-chão, por uma banca recheada de edições da obra poética e ensaística de Cesariny, do seu primeiro livro, *Corpo Visível* (1950), até *Um Rio à Beira do Rio* (*Cartas para Frida e Laurens Vancrevel*), passando pelo *Jornal do Gato*, título muito “cesariniano” para a correspondência trocada com Luiz Pacheco, António Maria Lisboa ou Vítor Silva Tavares. Ao lado, um cartaz convidava o visitante a ver ainda, até domingo, a exposição *O Outro Lado do Reflexo*, com fotografias de Eduar-



Mário Cesariny: “Um homem de cólera fulgurante e sorriso ácido”

do Tomé (1975) e Duarte Belo (2003), respectivamente sobre o artista no atelier e na intimidade.

Mas será a partir de 5 de Agosto, com uma nova exposição, que a fundação verdadeiramente abre o calendário do centenário do nascimento de Cesariny, a 9 de Agosto de 1923. Tomando para título o primeiro verso de um poema de *Pena Capital* (1957), *Em todas as ruas te encontro*, e com curadoria de Marlene Oliveira, Perfecto Cuadrado e João Pinharanda, este será o momento principal de um programa que, notou ontem em conferência de imprensa Pedro Álvares

Ribeiro, presidente da instituição, “vai celebrar o grande poeta e artista, a personalidade insubmissa e o grande homem da liberdade”.

As comemorações estender-se-ão ao MAAT – Museu de Arte, Arquitectura e Tecnologia, em Lisboa, que em Outubro abre a segunda grande aposta expositiva do centenário, *O Castelo Surrealista*, ao Museu Amadeo de Souza-Cardoso, em Amarante, e provavelmente ainda a outras cidades do país, ou mesmo além-fronteiras.

Foi como “um homem de cólera fulgurante e sorriso ácido e demolidor”, e simultaneamente “uma das

personalidades mais portentosas, fascinantes e irredutíveis do Portugal contemporâneo”, que José Manuel dos Santos, director da Fundação EDP e coordenador do programa do centenário, retratou Cesariny, sublinhando que esta será uma oportunidade para se ultrapassar “a falsa ideia de que era um poeta maior, mas um pintor menor”.

A exposição inaugural, que dará a conhecer parte do espólio que a Fundação Cupertino de Miranda – Centro Português do Surrealismo tem à sua guarda, por compra, doação ou legado, inclui também, explicou Marlene Oliveira, directora artística da instituição, a visita ao novo Espaço Mário Cesariny e à sua biblioteca pessoal.

O primeiro é uma espécie de mostra e altar laico com o ambiente doméstico do artista. Ai se poderão ver as suas colagens e montagens surrealistas, como o “Marujinho”, composição de retratos de D. Sebastião e Luís II da Baviera, ornados com a frontaria da Sé de Lisboa, ao lado de fotografias da mãe e do casal Vieira da Silva e Árpád Szenes, e também de miniaturas de gatos e barcos, máscaras e peças de arte africana – invocação do “último continente surrealista”, como lembrou João Pinharanda. Na biblioteca pessoal, só com luvas (e inscrição prévia) se poderá folhear a *Poesia I*, de Sophia de Mello Breyner

Andresen, corrigida e comentada por Cesariny; ou as notas, assinadas, em que chama “fascista” a António Pedro num exemplar do catálogo *Surrealismo em Portugal, 1934-1952...*

Sobre a exposição que abrirá no MAAT a 3 de Outubro, o director artístico João Pinharanda avançou tratar-se de uma reconstituição das influências do artista, “da arte popular ainda não normalizada e da arte africana até Vieira e Árpád, suas referências permanentes” – de resto, o título *O Castelo Surrealista* remete para o livro-catálogo que Cesariny dedicou, em 1984, à obra do casal luso-húngaro.

Coube a Manuel Rosa, antigo editor da Assírio & Alvim, que publicou toda a obra poética de Cesariny, destacar duas edições a lançar a 25 de Novembro (o autor morreu a 26 de Novembro de 2006): *Poetas do Amor, da Revolta e da Náusea*, “projecto surpreendentemente inovador” no qual Cesariny trabalhou entre 1975 e 1977 com o fito de divulgar a poesia portuguesa em teatro ou televisão, mas que não chegou a bom porto; e a antologia de poesia *A Paixão da Imagem*.

Ainda este ano, mas já com a chancela Documenta, sairá *Mário Cesariny, Cartas para Antonio Tabucchi*, estando agendada para 2024 a fotografia *Louvor e Simplificação de Mário Cesariny*, por José Manuel dos Santos e Perfecto Cuadrado.

Potencial da literatura electrónica discutido em Coimbra

Luis Miguel Queirós

O Convento de São Francisco, em Coimbra, recebe esta manhã a sessão inaugural da ELO 2023, conferência, festival e exposição que reunirá cerca de 200 investigadores e artistas de literatura electrónica vindos de todos os continentes. Compete-lhes fazer um balanço actualizado desta arte experimental ainda pouco conhecida do grande público e debater o papel da literatura digital num mundo cada vez mais crispado e polarizado.

Co-organizado pela Electronic Literature Organization, fundada na Califórnia em 1999, e pelo Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra, o ELO, que se realiza alternadamente nos Estados Unidos e num país europeu (a edição de 2017 teve lugar no Porto), é este ano dedicado ao tema *Overcoming Divides: Electronic Literature and Social Change*. Lembrando que “voltámos a um

mundo em guerra”, o professor (e poeta) Manuel Portela, da Universidade de Coimbra, que se dedica há muito a esta área, e que é um dos organizadores, atribui o título do encontro ao desejo de “orientar a atenção dos conferencistas para problemas contemporâneos, para uma certa crispação das relações sociais e políticas, que está a tornar difícil o entendimento nas várias escalas da nossa vida colectiva”.

Além dos trabalhos académicos, que decorrerão a um ritmo ao qual o adjectivo intenso não faz justiça (sessões de manhã à noite com 200 conferencistas, dos quais 150 estarão fisicamente presentes), o festival inclui ainda uma dupla exposição, *Arborescent/Resistance*, com um núcleo centrado nas questões ambientais e outro mais voltado para temas sociais, dos direitos das mulheres à vigilância electrónica.

Abordando tópicos como o uso da

Inteligência Artificial na criação literária, as mesas-redondas e os painéis da componente mais académica do festival têm a particularidade de cruzar constantemente investigadores e artistas, o que de resto se tornaria sempre inevitável, nota Manuel Portela, num meio em que muitos dos principais criadores são também professores de literatura digital.

E se o universo dos que trabalham literariamente com o digital é ainda relativamente pequeno, esta edição mostra bem o que tem sido o seu crescimento e a sua expansão geográfica. Portela evoca as antologias de literatura electrónica que a ELO



O encontro conta com Caitlin Fisher, a actual presidente da Electronic Literature Organization

organiza desde 2005 para sublinhar que começaram por ser “sobretudo anglo-saxónicas” mas se foram tornando “mais multiculturais e multilingues”, com a mais recente, de 2022, a reunir autores de 30 países, da Ásia à América Latina.

Se todos estamos hoje imersos no digital e consumimos literatura em computadores, *tablets* ou telemóveis, são já bastante menos, nota Manuel Portela, os que tem “a percepção de que o meio pode ser explorado literariamente, usando o *software* para fins expressivos, e inventando novas formas e géneros literários que se relacionam com a própria tecnologia”. E que podem envolver, por exemplo, áudio, vídeo, jogo, programação e várias outras dimensões.

São obras cujo ecossistema é o digital e que dificilmente sobrevivem fora dele, o que levanta o problema da sua própria irremediável obsolescência. “Como estes artistas trabalham com

sistemas operativos e programas que pertencem a um dado momento da evolução técnica, à medida que esta avança há obras que deixam de poder ser executadas”, resume Portela.

O estatuto de conferencista principal do ELO 2023 foi reservado a três participantes: Lori Emerson, da Universidade do Colorado, nos Estados Unidos, e fundadora do Media Archaeology Lab, um museu dedicado a tecnologias que se tornaram obsoletas, algumas já no século XXI; o finlandês Jussi Parikka, professor de Estética Digital na Universidade de Aarhus, na Dinamarca; e a artista Amira Hanafi, autora de obras como o *Dicionário da Revolução* (2017), que documenta a revolta egípcia de 2011.

A actual presidente da ELO, Caitlin Fisher, directora dos laboratórios de Narrativa Imersiva e de Realidade Aumentada da Universidade York, no Canadá, também estará presente.